


Entrevista

Muniz Sodré

 Fabiana Piccinin

O que “educar para o sensível” pode significar para quem pesquisa e ensina comunicação? Da mesma forma, como “a ecologia dos saberes” pode qualificar a investigação científica e a formação dos jornalistas? Para Muniz Sodré de Araújo Cabral – ou, simplesmente, Muniz Sodré – essas preocupações são tanto a partida quanto a chegada de sua própria história como professor e pesquisador da mídia. Formado em Direito pela Universidade Federal da Bahia (1964), Muniz é mestre em Sociologia da Informação e Comunicação - Université de Paris IV (Paris-Sorbonne) (1967) e doutor em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1978). Sempre atento às grandes questões da mídia, da tecnologia e suas relações com a sociologia da cultura traduzidas em cerca de 40 livros publicados, o pesquisador convoca a pensar sobre a necessidade de produzir ciência a partir da ideia de formar sujeitos que possam desenvolver sensibilidades para tal, para além apenas da instrumentalização. E aponta neste cenário para a urgência da convocação de todos os saberes para que se possa inclusive contar com a dimensão artística das práticas e, por consequência, dos profissionais de mídia. Para Muniz, nessa perspectiva, os avanços tecnológicos podem ter um sentido oportunamente propositivo à construção em última análise de um sentido de cidadania e um caminho de avanço contrário ao que se experiencia hoje, quando os debates se estabelecem, em geral, como “falatórios” e sem reflexão ou consciência. **Rizoma** ouviu um pouco das ideias do professor pesquisador, que é também Livre-Docente em Comunicação pela UFRJ e Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Na sua opinião, a mídia e sua centralidade no contemporâneo poderiam de alguma forma contribuir junto com a escola para isto que o senhor chama de ecologia de saberes? O que o senhor quer dizer com “educar para o sensível” e qual o papel da escola nisso? E, neste caso, das escolas de comunicação?

A atualidade tecnológica da mídia está centrada na comunicação eletrônica, mais precisamente, na internet. Até agora, afora a função de arquivo mundial do conhecimento e de suporte de “redes sociais”, a internet não se aproximou realmente do universo docente. Uma ecologia de saberes consiste no entrelaçamento de todas as fontes possíveis de conhecimento (desde os saberes ágrafos aos escritos) em função do aperfeiçoamento pedagógico das comunidades. Nessa ecologia, educar para o sensível significa ir além da escrita pura e simples para incluir as modalidades do jogo, das artes e da sensibilização para com o diverso humano. As escolas

de comunicação, no meu modo de ver, ainda estão excessivamente voltadas para o ambiente profissional, mas deverão descobrir nessa ecologia a sua verdadeira razão de existência.

O senhor diz que a tecnologia é a razão raciocinante da técnica e, portanto, a mudança tecnológica enseja mudanças de atitude. Pode-se dizer então que o senhor tem uma visão otimista a esse respeito? As novas tecnologias de informação e comunicação podem oportunizar mudanças qualitativas para a experiência contemporânea?

Sou bastante otimista a este respeito, pois considero que as novas tecnologias abrem caminho para uma sociedade com “viés instrutivo”. Isso implica uma ligação visceral da cidadania com as novas formas públicas de cultura que, agora, deixam de centralizar-se no livro para irradiar-se por sons e palavras, graças às tecnologias da comunicação, a todo o espaço social. Falo disso em meu livro “Reinventando a Educação”. Quem está de fora dos novos modos de ler e escrever é tido como excluído do mundo do trabalho e da cultura. Daí, a exigência histórica de que a escolarização, cada vez mais necessária para os pobres (já que os ricos fazem a sua integração quase que “naturalmente”, graças ao ambiente familiar e social), se redefine a partir de um horizonte cultural mais interativo, incluindo jovens e adultos no exercício de interação social, constituído pelas tecnologias da informação e, conseqüentemente, pelas novas práticas de escrita e leitura.

No discurso atual, é recorrente a afirmação de que as grandes narrativas decorrentes das utopias modernas acabaram. O senhor concorda? Qual a narrativa contemporânea? E qual o papel da mídia na construção dessa? Podemos pensar em uma narrativa hegemônica neste sentido?

Acho que a comunidade funciona à base do senso comum, portanto, à base de narrativas que conformam a vida cotidiana. As narrativas fincadas em estratégias do senso comum funcionam com o propósito de reforçar as ideias concebidas e hegemonicamente vigentes na sociedade, independentemente da sua real pertinência no contexto histórico.

Mas a questão maior é que, para a psicologia cognitiva e experimental contemporânea, a narração é uma das características da própria estrutura da consciência humana, logo, um dos principais modos de compreensão do mundo. A consciência é um processo de espacialização, seleção, analogia, metaforização, conciliação e narração de aspectos do mundo. *Tudo na consciência é narrado*. Aceitar essa perspectiva implica inserir a narrativa numa dimensão superior às práticas historiográficas, literárias ou jornalísticas.

O próprio sentido da experiência humana se produz por meio de sua organização em um discurso construído sobre uma linha de pontos sucessivos, que avançam sempre: a temporalidade narrativa. Apesar das vozes que proclamam o esvaziamento da experiência, permanece a centralidade cultural da narrativa na atribuição de sentido a tudo que fazemos como arremedo de experiência,

O senhor afirma que a mídia opera também por uma lógica do sensível. Ou seja, a mídia reúne também possibilidades emancipatórias. Tratando especificamente a televisão, pode-se dizer então que reúne o melhor e o pior, é isso?

O que venho procurando dizer é que, no limite, a mídia é uma espécie de comunidade afetiva de caráter técnico e mercadológico, onde impulsos digitais e imagens se convertem em prática social. O seu real sentido é dado por sua própria forma de codificação hegemônica, que intervém culturalmente na vida social, dentro de um novo mundo sensível criado pela reprodução imaterial das coisas, pelo divórcio entre forma e matéria. Por isso, a cultura passa hoje a definir-se mais por signos de envolvimento sensorial do que por apelo ao racionalismo da representação tradicional, que privilegia a linearidade da escrita. Os critérios com que avaliamos a televisão ainda pertencem ao código da cultura escrita.

No caso do jornalismo, o senhor acredita nesse como tendo um papel mais qualitativo na modernidade associado à formação do espaço público. Hoje não é mais assim? Por quê? As novas tecnologias não contribuem qualitativamente para o jornalismo na medida em que mais pessoas estão tendo acesso à informação e até mesmo à possibilidade de voz, ainda que em circunstâncias específicas?

Para mim, o jornalismo, foco bicentenário da liberdade de expressão consagrada pela Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão e ratificada pela Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos, tende hoje a ser desconsiderado como um *conteúdo* democrático em benefício da ideia de um *serviço* ao consumidor, o que dá ensejo a algo como um *jornalismo de dados*. Será preciso repensar isso que vimos chamando de jornalismo.

“A forma antiga assumida pela escrita não foi algo essencial na aurora do pensamento filosófico, como observa Heidegger. Ou seja, não se precisava do livro para pensar e debater já que a oralidade no espaço público ou nos banquetes era o âmbito essencial dos discursos reflexivos.” A partir dessa sua citação, no contemporâneo, onde se dá o debate reflexivo? Que lugar as tecnologias comunicacionais têm nesse sentido?

São raros hoje os debates reflexivos. Nas tecnologias comunicacionais, o que predomina é o falatório (o *Gerede* heideggeriano) intransitivo, além das múltiplas formas de entretenimento. Todo mundo quer rir. Todo mundo parece querer morrer de tanto riso.